

A tenebrosa paz que cai sobre o mundo

Felipe Cabañas da SILVA*

180

I

As árvores tiritam,
dançam sob o peso
do vento morno
e eu estou feliz.

A noite guarda
futuros de luz e som.

Mais tarde a chuva,
a lavar as calçadas, dirá:
sou uma tenebrosa
paz que cai sobre o mundo!

II

Viver entre os metais
e as pedras sugando
uma boca doce sob a
lua vil em chamas.

* É bacharel, licenciado e mestrando em geografia pela USP, tradutor francês-português e escritor. Email: fedasilva@yahoo.com.br

Viver sob a água
que transborda do infinito
morto que não vejo,
e sei que brilha.

Eu salivo a vida
e tenho sede do futuro sem fim.

A poesia é uma chaga
de tão dura, e árdua:
seu incêndio doloroso
é permanente.

Sua seiva tenebrosa,
meu destino.

III

Não quero abdicar
de minhas paixões: meu vício
incendiário do
fundo das entranhas em
brasa.

Esta é minha luz
e minha chaga:
sentir é meu destino
e minha sentença.

Frente às pétalas escuras
que se perdem numa
tarde qualquer,

grito com a boca seca ávida:
fui condenado a sentir,
fui condenado a viver.

A poesia, então,
olha em meus olhos, bramindo:
“Eu sou a tenebrosa paz
que cai sobre o mundo, sempre”.